

COMUNIDADE/POLÍTICA 1

Para políticos nikkeis, relação Brasil-Japão não deve mudar

Primeira mulher a assumir a presidência da República, Dilma Vana Rousseff representou o governo brasileiro na Cerimônia Oficial do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil e do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, realizada no dia 24 de abril de 2008, no Hotel Okura Tokyo, na cidade de Tóquio, Japão, como então ministra-chefe da Casa Civil. Na época, apontada como “o nome mais promissor do PT” à sucessão de Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff cumpriu uma agenda típica de chefe de Estado e esteve ao lado do imperador Akihito e da imperatriz Michiko em uma das principais cerimônias para marcar a data a serem realizadas no Japão, da qual também participaram o príncipe herdeiro, Naruhito, e o então presidente da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, Kokei Uehara.

A presidente eleita fez um pronunciamento formal sobre o ano do centenário da imigração japonesa às autoridades e à imprensa. No Japão, Dilma Rousseff falou sobre os problemas enfrentados por brasileiros residentes no país, e afirmou que era vontade do Brasil colaborar com o governo japonês para resolver questões relacionadas à previdência social, à educação de filhos e à assistência jurídica. Declarou que “o centenário é claramente um marco para as relações nipo-brasileiras, amigáveis já há muito tempo”. Manifestou ainda satisfação com a perspectiva esboçada, durante o contato com autoridades do governo japonês, de um futuro ainda mais promissor nas relações entre os dois países.

Dilma Rousseff apelou a favor de se intensificar os processos de cooperação entre os



Dilma Rousseff esteve no Japão em 2008 com Kokei Uehara na abertura do Ano do Intercâmbio

dois países, citando áreas específicas de colaboração, como o projeto de construção do trem-bala no Brasil, a consolidação da tecnologia japonesa de TV digital no país e o uso de energia nuclear para a geração de eletricidade.

Reformas – Para o deputado federal Walter Ihoshi (DEM-SP), a visita da agora futura presidente do Brasil “não significa muita coisa porque tudo indica que, num primeiro momento, ela vai se ocupar com as questões internas”. “A política externa vai ficar para segundo plano”, acredita Ihoshi, que espera uma definição sobre sua situação – é sexto suplente da coligação DEM-PSDB e vive a expectativa de assumir uma vaga na Câmara dos Deputados ainda em fevereiro de 2011.

Para o parlamentar, “via o Lula mais próximo do Japão”. “Não sei o que a Dilma pensa sobre o Japão e é um assunto que nos preocupa, pois, ape-

sar de o Brasil ser considerado hoje um país forte, ela vai perder uma grande oportunidade se não tiver os olhos voltados para fora”.

Para Kokei Uehara, que esteve ao lado de Dilma no Japão, as relações bilaterais não devem mudar. “Não deu para conversarmos. Ela praticamente já entrou no salão e se sentou. Mas acredito que ela vai continuar mantendo as boas relações com o Japão”, afirmou o ex-presidente do Bunkyo em entrevista ao **Jornal Nippak**.

Opinião semelhante a do vereador Jooji e deputado estadual eleito, Jooji Hato (PMDB). “As relações Brasil-Japão se firmaram com o Lula e acho que não vai mudar porque a Dilma é uma extensão do presidente. Na verdade, o Lula passou um cheque em branco e por isso acredito que a relação entre os dois países não vai se deteriorar. Vamos torcer para que continue sendo benéfica”, argumentou Jooji, acrescentando que a futura presiden-

te “deve dar a mesma atenção, concomitantemente, tanto aos problemas internos quanto à política externa”. “Não pode priorizar nem uma coisa nem outra porque ambas estão interligadas”, disse ele, lembrando que, durante a campanha foi dado pouca ênfase a questões como saúde, segurança pública e educação.

“Discutiu-se muito coisas que não levam a nada. O povo quer propostas claras. Questões como o aborto, por exemplo, depende de cada um e já existe lei para isso. Não houve um debate mais aprofundado sobre problemas sociais que afetam a população nem sobre a agroindústria”, destacou Jooji, acrescentando que também não espera mudanças para o Estado de São Paulo. “Algumas de suas propostas vem de encontro com o que prego, isto é, a tolerância zero”, explica o vereador, afirmando que “a voz do povo é a voz de Deus e agora só nos resta nos curvamos”.

(Aldo Shiguti)

COMUNIDADE/POLÍTICA 2

Deputados federais eleitos, Junji Abe e Keiko Ota divergem sobre a eleição da presidente Dilma Rousseff

Com a vitória nas urnas e a consequente eleição da presidente Dilma Rousseff (PT/SP) os dois deputados federais eleitos por São Paulo Junji Abe (DEM/SP) e Keiko Miashiro Ota (PSB/SP), se manifestaram de formas diferentes. O tucano lamentou que José Serra (PSDB/SP) não conseguiu vencer por que “seria bom para os paulistas e para todo o Brasil, mas tem que respeitar a decisão”. Keiko Ota por sua vez avaliou, em primeiro lugar, “que foi uma vitória legítima com a maioria dos votos do povo brasileiro”, e segundo, “um triunfo que entrou para história da democracia, sendo a primeira mulher eleita democraticamente presidente do Brasil”.

Para Junji Abe a vitória da candidata Dilma Rousseff se deu em razão da alta popularidade do presidente Lula, decorrente de uma excelente avaliação de seu governo. Porém ressaltou que os oito anos da administração petista com uma excelente economia, proporcionando um crescimento



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva com a presidente eleita

do Produto Interno Bruto (PIB) com índices de 5%, 6% e 7% ao ano, se deve ao fim da inflação há 16 anos, através do Plano Real e da Lei de Responsabilidade Fiscal há dez anos, que mudaram os rumos da economia e o sistema de gestão pública.

Junji Abe afirmou que os grandes personagens responsáveis por essa situação foram o ex-presidente Itamar Franco e o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso que, “por interesse puramente de egoísmo e oportunismo político do Lula, jamais são citados”. Para o democrata, Lula é “tão prepotente que avoca a si todo o grande feito de outros governos, creditando unicamente a si o bom momento da atual fase econômica, não demonstrando uma simples lembrança ou gratidão aos extraordinários feitos em 1994 (Plano Real) e em 2000 – Lei da Responsabilidade Fiscal”. “Podemos afirmar, em alto e bom som, que o Plano

Real de 1994 é o divisor de águas do Brasil”.

Apesar da certeza de que José Serra seria melhor do que Dilma Rousseff comandando os destinos do Brasil (num regime democrático), Junji Abe disse que tem que se “curvar diante dos resultados das urnas”. “Aliás, acredito que se não fosse a força e o poder da máquina e a intervenção direta do Lula na campanha, a candidata Dilma Rousseff, talvez não se elegeria”, avalia.

Democracia – Para Keiko Ota, a eleição da petista foi uma vitória da democracia. “Quanto à eleição foi uma disputa difícil, acredito que os temas polêmicos ofuscaram um pouco os últimos debates das propostas e idéias dos candidatos, mas mesmo assim foi um grande momento para a nossa democracia”, ressalta.

Keiko Ota acredita que o Brasil já está mudando e é só comparar, e não tem dúvidas que a vitoriosa candidata Dilma

Rousseff continuará o processo de mudança em todas as áreas.

A relação Brasil-Japão no entender de Junji Abe, independe de quem seja o(a) presidente da República, se fortalece cada vez mais. “O Brasil tem tido benefícios extraordinários do governo e instituições financeiras do Japão ao longo dos anos. Por outro lado, o Japão prescinde muito do Brasil na aquisição do minério de ferro, da soja, suco de laranja e etc. Com a minha experiência nas gestões públicas e como brasileiro descendente, desejo contribuir sobremaneira no fortalecimento da relação bilateral, além da amizade que irmana os dois povos, no campo educacional/cultural, econômico/financeiro, industrial/comercial, tecnológico/ambiental e social/político, pois são duas extraordinárias Nações que se completam”, afirma. Keiko Ota resumiu dizendo que atualmente as relações são boas e acredita que vai melhorar ainda mais.

(Afonso José de Sousa)

COLUNA DA ERIKA SUMIDA

Despedidas

Nós, dekasseguis, viemos para o Japão para trabalhar. Mas nesse percurso da vida, acabamos sempre fazendo novas amizades e que, muitas vezes, pela ausência familiar, tornam-se a nossa família em terras nipônicas. E já viemos para o Japão com um histórico de despedida na bagagem, afinal deixamos familiares e amigos no Brasil.

No início da minha vida aqui no Japão sofria muito com as despedidas, porque me apegava demais às pessoas e mais tarde elas acabavam retornando ao Brasil, e eu não. Com o tempo, aprendi a lidar melhor com esse sentimento. Não que meu coração tenha esfriado, mas comecei a entender que todos estão aqui temporariamente e que, um dia, a maioria retornará ao Brasil, ou pelo menos planeja retornar.

Já fiquei muito triste quando amigos foram embora, mas hoje consigo compreender que as amizades também são temporárias. Algumas permanecem para a eternidade, mas quando a pessoa retorna ao Brasil, ela vive outra rotina, com outra realidade, é normal que se desapegue um pouco da vida daqui, e consequentemente dos amigos também.

Semana passada, me deparei com um novo tipo de despedida: a despedida de uma amiga japonesa, que fora transferida para a matriz em Osaka (longe da minha cidade).

Foram vários jantares de despedida, discursos sem fim, almoço, uma choradeira geral! E eu participei de todos, e mais, fui a encarregada em desenhar um quadro para presentear-la. A idéia foi fazer o quadro e todos escreveriam uma mensagem para a japonesa, e fariam origamis para colar no quadro. Uma idéia muito boa, se não fosse um porém: escrever a mensagem ...

O desenho até que foi fácil, adoro pintar quadros, mas escrever o que realmente eu estava sentindo em japonês é que é o complicado. E o meu chefe ainda tentou ajudar: “escreva em inglês, ela entende!” Mas como eu adoro um desafio, logo pensei: “vou escrever tudo em japonês, com o ideograma mais difícil ainda, tudo em Kanji!”. E lá fui eu, com dicionário em mãos, papel e caneta. Comecei. A mensagem era simples, mas com palavras fortes e representativas:

“Dificuldades transformam-se em forças, preocupações viram sabedoria, sofrimentos transformam-se em ternura. A pessoa que mais sofre, será a que mais será feliz!” Portanto, eu sei que dificuldades virão, mas não se preocupe, pois futuramente isso se transformará em felicidade!”

E se alguém ainda duvida do poder das palavras, é porque não viu a reação da mi-

nha colega japonesa. Ela chorou muito quando leu a minha mensagem, e fez um discurso de despedida falando exatamente sobre o sentimento dos dekasseguis. Ela disse que entende perfeitamente o que nós, brasileiros, passamos. Afinal, é a primeira vez que ela está saindo da casa dos pais para morar sozinha, e confessou que sente medo, insegurança, sabe que vai sofrer com saudades.

E depois ela complementou o discurso falando: “admiro cada brasileiro que vem trabalhar aqui no Japão, pois vem para cá sem saber ler, escrever e falar o idioma, e a Erika chegou até aqui. Sei que no começo sofreu muito, mas que todo esse sofrimento fez dela uma pessoa muito evoluída, e eu desejo essa evolução também. E se tiver que passar por algumas dificuldades, estou preparada, pois cada vez que me sentir fraca vou pensar na Erika e isso vai me dar ânimo para seguir em frente, porque vejo uma pessoa muito feliz no trabalho, e ela sabe que é uma vitoriosa!”

A minha reação foi o choro, e depois de passada a emoção, passou um filme pela minha cabeça. Fez-me refletir o quanto os brasileiros são guerreiros.

Em minha opinião, as amizades aqui no Japão vêm com prazo de validade, mas a qualidade da amizade é tanta que a intensidade dos sentimentos parecem duplicar quando falamos de Japão. As despedidas são inevitáveis, diria que até corriqueiras, mas aprendi a driblar a tristeza porque penso que a pessoa que vai embora está indo com uma bagagem cultural enorme, e uma experiência de vida única. Aprendi a conviver com despedidas porque quando uma amiga que gosto muito retorna ao Brasil, é sinal de que será um bem para ela, pois já cumpriu a sua parte aqui e está indo em busca de seu sonho e de sua felicidade. Aprendi a deixar de ser egoísta e não querer sempre o convívio direto com uma amiga, sabendo que o sonho dela é diferente do meu. E no caso da japonesa, ela foi promovida, portanto para o crescimento profissional dela isso será ótimo, mas não tem dinheiro no mundo que pague a evolução pessoal, no lado humano da palavra, que ela terá com essa transferência!

Com todo esse tempo que tenho morando aqui no Japão, já sofri muito com amigas que retornaram ao Brasil. Quantas delas já não passaram pela minha vida! E eu ainda continuo aqui, portanto quando me despeço de alguém, sempre digo: Boa Sorte! A gente se encontrará por aí, algum dia!

(Erika Sumida é paulista de Araçatuba (SP) e há 12 anos mora no Japão, onde trabalha com desenvolvimento de criação).
E-mail: erikasumida@hotmail.com

ADVOCACIA CÍVEL
CRIMINAL
TRABALHISTA
DR. PEDRO HANDA
RUA DA GLÓRIA, 332
5º ANDAR - SALA 51
TEL. (11) 3271-0806
9575-1575

INTERNACIONAL

Itamaraty promove eleição de Conselho de Representantes no Exterior

Prossegue até a próxima terça-feira (9) a eleição de membros do Conselho de Representantes no Exterior (CRBE). Todos os cidadãos brasileiros maiores de 16 anos residentes no exterior podem

votar. A votação é realizada exclusivamente pelo portal brasileirosnomundo.mre.gov.br. Foram registrados 300 candidatos.

A criação do CRBE faz

parte de um conjunto de ações do Ministério das Relações Exteriores para aprimorar a assistência consular e o apoio aos 3 milhões de brasileiros que vivem fora do país.

(Da Agência Brasil)